

Travestis na Literatura: Personagens e Identidades Abjetas

Francine Natasha Alves de Oliveira¹

RESUMO: A travesti ainda é vista com incompreensão por muitos que, presos à matriz heterossexista, não concebem uma identidade que fuja da lógica binária que envolve os gêneros masculino e feminino. Seus corpos em devir existem dentro de um *continuum* no qual a indefinição de um gênero preciso e específico leva também à impossibilidade de rotulação da sexualidade tanto delas quanto daqueles com quem se relacionam. Em função do desconhecimento, o preconceito continua a existir em grande escala. Este artigo procura esclarecer um pouco mais a respeito da identidade travesti, além de analisar duas obras literárias em que há protagonismo das mesmas, com o objetivo de demonstrar como a discriminação e a postura ambígua em relação a essas pessoas pode ser reproduzido a partir de discursos aparentemente neutros.

Palavras-chave: travesti; gênero; abjeção.

ABSTRACT: The travesti is still seen with incomprehension by many people who, dependent of the heterosexist matrix, are not capable of conceiving an identity that escapes from the binary logic, which involves only the genders of masculine and feminine. Their unfinished bodies exist within a continuum in which the indefiniteness of a precise and specific gender leads also to the impossibility of labeling their sexuality and that of those who have relations with them. Due to unfamiliarity, prejudice continues to exist widely. This essay aims to somewhat elucidate the travesti identity, in addition to analyzing two literary works in which they are protagonists, with the goal of demonstrating how discrimination and ambiguous stance in relation to those people can be reproduced in apparently neutral discourses.

Key-words: travesti; gender; abjection.

Introdução

A recente abertura e expansão dos estudos literários vêm possibilitando abordagens mais amplas que englobam temas caros à crítica cultural, como é o caso dos estudos de minorias e de como suas memórias e narrativas podem contribuir para o entendimento de suas identidades. No contexto da contemporaneidade, estudos e análises literárias podem se valer da interdisciplinaridade para buscar objetos de pesquisa tidos como marginalizados ou excluídos dos centros hegemônicos – seja no âmbito das artes ou da própria sociedade.

¹ Mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela mesma instituição. Doutoranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Ao se considerar obras literárias em que estejam presentes travestis, temos personagens que, tanto nas publicações como na realidade, ainda lutam para se consolidarem como sujeitos que tenham sua civilidade reconhecida.

Com corpos e identidades ainda incompreendidos pelo senso comum, travestis e mulheres transgênero permanecem marginalizadas na cultura ocidental. Designadas como “meninos” ao nascer, essas pessoas deixam de cumprir com as expectativas de gênero quando passam a buscar um novo corpo para si, que seria condizente com sua identidade feminina, permitindo-lhes o reconhecimento social como mulheres. Para além da generalização de uma identidade, no entanto, as experiências e vivências trans são múltiplas e podem chegar até a divergir entre si. Ademais, mesmo com a crescente visibilidade das pessoas transexuais na sociedade atual, sua representatividade em obras literárias como um todo é ainda limitada no Brasil, principalmente em se tratando de livros publicados por grandes editoras que não visam apenas ao público LGBTT.

Este artigo pretende oferecer uma dimensão da identidade travesti a partir de duas obras literárias, a novela *O milagre*, de Roberto Freire (1978) e a autobiografia/biografia *Luís Antônio-Gabriela*, de Nelson Baskerville (2012). Para tanto, serão consideradas prioritariamente pesquisas realizadas na área de sociologia, cujas definições permitirão analisar como as travestis são representadas pelos autores mencionados.

1. Transgeneridade, transexualidade, travestilidade

A temática da transgeneridade vem ganhando cada vez mais espaço principalmente nas redes sociais e na internet em geral, por meio de plataformas que permitem que as próprias pessoas pertencentes a esse grupo exponham suas vivências e demandas. Aos poucos, as vozes transgênero veem uma possibilidade de romper com sua condição subalterna e lutam para ter seu espaço de fala através das novas tecnologias. Notamos, assim, que a identidade transgênero tem formas diversas de se expressar, não havendo um “modelo único” para descrevê-la, mas semelhanças que permitem sua identificação. Dessa forma, uma pesquisa acadêmica voltada para o tema seria uma contribuição para se estabelecer novas maneiras de enxergar a experiência transgênero como um todo. Conforme explica Sônia Weidner Maluf,

[a] experiência transgênero é um dos temas que têm possibilitado uma renovação das reflexões, dos conceitos e da própria teoria dentro do campo de estudos feministas e de gênero. Isso porque – em suas diferentes formas de manifestação – ela tem revelado aspectos do gênero que durante muito tempo ficaram relegados ou à sua construção teórica ou à perspectiva comparativa com culturas outras (2002, p. 148).

Nesse sentido, as travestis e mulheres transgênero estão entre os “novos atores sociais que representam o Brasil no início do século XXI” (BERUTTI, 2010, p. 843). Ao se organizarem em grupos e promoverem ações e campanhas diversas, essas pessoas buscam a ressignificação dos conceitos de “travesti” e mesmo de “transgênero”, visando ao seu reconhecimento como sujeitos – em vez de objetos. Contudo, esses indivíduos frequentemente ainda se deparam com a falta de reconhecimento de suas identidades, deslegitimadas e excluídas socialmente e, não raro, atreladas à falta de conhecimento, à generalização ou às concepções errôneas. Sendo assim, as visões difundidas pelo senso comum continuam baseadas em estereótipos negativos e/ou ideias equivocadas do que venha a ser a identidade de gênero como um todo e, não raro, são essas as formas de representação veiculadas pela literatura.

No caso do Brasil e da América Latina em geral, a forma de se retratar a travesti é especialmente interessante de se analisar, tendo em vista as peculiaridades desse grupo social considerado tipicamente latino-americano e que parece desafiar os binarismos de gênero em um nível particularmente complexo. É também preciso trazer à tona o questionamento a respeito da construção da identidade travesti como sendo diferente da identidade transexual e até que ponto é possível notar essa separação como um fruto das opressões sociais – que poderiam exercer um papel importante na escolha das pessoas transexuais por cirurgias de redesignação sexual (BERUTTI, 2010). No âmbito acadêmico, diversas pesquisas vêm sendo publicadas nos últimos anos, possibilitando discussões mais elaboradas acerca do tema, inclusive a partir de teorizações propostas por pesquisadores e pesquisadoras que se identificam como transgênero, o que confere legitimidade e propriedade a suas respectivas falas. Ademais, esses trabalhos servem como referência para o esclarecimento de questões complexas acerca do tema, por uma perspectiva em primeira pessoa.

Segundo Michel Foucault (1988), foi em torno do hermafrodita que se começou a elaborar a nova figura do monstro que surgirá no fim do século XVIII e estará presente com frequência nos estudos médicos do século XIX, então não mais como “monstro”, mas como

indivíduo “deformado” ou “mutilado”. O aparecimento de uma “clínica da sexualidade” (FOUCAULT, 1988, p. 58) levará, posteriormente, à conceituação de indivíduos como “os perversos sexuais, as histéricas e o pseudo-hermafrodita, entre outras tantas identidades clínicas criadas no período” (LEITE Jr., 2011, p. 71). A partir da noção do “hermafrodita psíquico”, que apresentaria uma condição de ordem psíquica, mental, de cunho sexual, conforme explica Jorge Leite Jr.,

nasce a ideia de “inversão”, da qual vão se originar gradativamente as identidades homossexuais, bissexuais, gays, lésbicas, travestis, transexuais, *crossdressers*, intersexos e toda a futura explosão político-identitária (2011, p. 71).

O foco no corpo como elemento determinante de classificações médicas e científicas oferece, então, um contexto para o desenvolvimento do que Foucault chama de “*scientia sexualis*” (FOUCAULT, 1988), no qual

identidades são construídas, ideias e comportamentos são naturalizados e/ou patologizados, desejos são cientificamente classificados e politicamente hierarquizados, e a busca pelo “verdadeiro sexo” ganha um lugar de destaque na formação desta nova maneira de pensar, lidar, sentir, organizar, vivenciar ou mesmo discutir o sexo: a chamada “sexualidade” (LEITE Jr., 2011, p. 72).

A análise clínica de corpos que apresentassem alguma ambiguidade em termos sexuais – principalmente genitais – ou que pudessem deixar margens de dúvida quanto à determinação do “real sexo” do indivíduo passam a ter especial atenção da medicina, inicialmente por meio dos cirurgiões e, posteriormente, com a atuação de endocrinologistas e psiquiatras no fim do século XIX. A *scientia sexualis* vai, dessa forma, referir-se não ao sexo propriamente dito, mas

sobretudo às suas aberrações, perversões, extravagâncias excepcionais, anulações patológicas, exasperações mórbidas. Era, também uma ciência essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral, cujas classificações reiterou sob a forma de normas médicas (FOUCAULT, 1988, p. 53-54).

Os comportamentos sexuais tidos como desviantes, por sua vez, passaram a constar em manuais médicos e de psicologia, como é o caso do “travestismo”, presente até hoje no Manual Diagnóstico e Estatístico de Desordens Mentais (DSM), o qual lista a prática do *cross-dressing* com fins sexuais como “fetichismo transvéstico” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013), um desvio do interesse prioritário pelo ato sexual para um objeto

específico, que, nesse caso, é a roupa. Essa rotulação se reflete no preconceito com que o senso comum ainda enxerga travestis e *cross-dressers*, que seriam indivíduos “pervertidos” em sua “anormalidade”.

Apesar de em alguns livros de autoria de pesquisadores brasileiros na área de Sociologia e Antropologia não haver discernimento claro entre as categorias identitárias referentes a “transgênero”, “transexual”, “travesti” e “*cross-dresser*”, Marcos Benedetti esclarece, em seu trabalho, que

[o] universo *trans* é um domínio social no que tange à questão das (auto)identificações. (...) entre as travestis que se prostituem, (...) são correntes várias definições distintas para tipologizar homens (em termos anatômicos e fisiológicos) que se constroem corporal, cultural e subjetivamente de forma feminina, como, por exemplo, *travestis*, *transformistas* e *transexuais*. Neste contexto, os principais fatores de diferenciação entre uma figura e outra se encontram no corpo, suas formas e seus usos, bem como nas práticas e relações sociais (BENEDETTI, 2005, p. 17-18).

A princípio, é possível afirmar que nas obras literárias brasileiras há maior presença de personagens travestis que de mulheres transexuais, provavelmente em função do mistério e fascínio que as primeiras exercem no imaginário do país há muitas décadas, confundindo os limites entre gênero e sexualidade e desafiando discursos e teorias a respeito do sexo.

De fato, a categoria das travestis vem sendo usada no Brasil quase como um termo guarda-chuva, uma vez que sua utilização se sobrepõe à adoção dos termos “transexual” e “transgênero” (BENEDETTI, 2005; SANTOS, 2015), principalmente pelo senso comum. No caso da denominação “transexual”, há certa validação médica e jurídica que faz com que o termo seja comumente adotado, principalmente em função da necessidade do diagnóstico para realização das cirurgias que adequarão o corpo ao gênero com o qual cada indivíduo se identifica e para a mudança dos documentos. Esse processo, que pode se arrastar por anos, é quase como um ritual de assimilação à sociedade, pelo qual a pessoa transgênero deve passar para ser, finalmente, reconhecida nos termos da lei. A expressão de gênero acaba por ser negociada quando o indivíduo trans procura se adequar aos critérios médicos que são impostos como condições para se conseguir o tratamento hormonal e cirurgias oferecidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), uma vez que, como mencionado, somente depois do tratamento a pessoa pode requerer o reconhecimento jurídico.

Essa institucionalização do chamado “processo transexualizador” deixa de considerar individualidades e experiências pessoais múltiplas, para as quais movimentos ativistas chamam a atenção por meio do enfoque na importância da auto-identificação. Fala-se, então, não apenas em expressões de gênero plurais, mas em expressões plurais da própria transgeneridade. Na busca por respeitar essa pluralidade, tomaremos como guia para esta pesquisa os esclarecimentos de Marcos Benedetti, de acordo com a lógica do grupo, por ele estudado, de travestis que se prostituem:

(...) travestis são aquelas que promovem modificações nas formas do seu corpo visando a deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres; vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina. Em contraste, a principal característica que define as transexuais nesse meio é a reivindicação da cirurgia de mudança de sexo como condição *sine qua non* da sua transformação, sem a qual permaneceriam em sofrimento e desajuste subjetivo e social. As transformistas, por sua vez, promovem intervenções leves – que podem ser rapidamente suprimidas ou revertidas – sobre as formas masculinas do corpo, assumindo as vestes e a identidade femininas somente em ocasiões específicas. Não faz parte dos valores e práticas associadas às transformistas, por exemplo, circular durante o dia *montada*, isto é, com roupas e aparência femininas. Essa prática, segundo o ponto de vista nativo, está diretamente relacionada com as travestis e com as transexuais (BENEDETTI, 2005, p. 18).

No caso das travestis, a prostituição aparece, notadamente, como atividade quase unânime em algum ponto de suas vidas, uma vez que sua condição as leva a serem excluídas do mercado de trabalho formal. De certa forma, muitas mulheres transexuais também se veem obrigadas a entrar no mundo da prostituição e até mesmo a agir, sexualmente, como travestis – isso significa exercer, no ato sexual, também o papel ativo (de penetração), fantasia relatada como recorrente entre os clientes. Segundo estudos etnográficos como o de Don Kulick (1998), diferentemente das mulheres transexuais, que buscam uma existência “normal” com sua identidade de gênero feminina, desejando o reconhecimento social, jurídico, médico e cultural como mulheres, muitas travestis se identificam como “homossexuais”, que recorrem às modificações do corpo por uma espécie de demanda social e profissional, uma vez que acreditam atrair mais homens quando detentoras de uma aparência mais “feminina”.

2. Travestis, violência e abjeção

Para Julia Kristeva, o que causa abjeção é aquilo que “perturba a identidade, o sistema, a ordem. O que não respeita fronteiras, posições, regras. O entre-meio, o ambíguo, o múltiplo” (KRISTEVA, 1982, p. 4). Sendo assim, o lugar de colapso dos significados heteronormativos é ocupado pelas travestis, que perturbam a ordem binária dos gêneros e a tradição dos papéis sexuais, com seus corpos abjetos (BUTLER, 1993) que carregam em si características ambíguas. Do ponto de vista conceitual, acredita-se que a mulher transexual carregue um desejo de deixar esse lugar de abjeção por meio das cirurgias que tornarão seu corpo “unificado” à sua percepção de si e à sua identidade de gênero. A travesti, por sua vez, teoricamente não apresentaria esse intenso desejo de redesignação genital, mantendo seu corpo em um “entrelugar” (SANTIAGO, 2000) que comporta, ao mesmo tempo, traços de feminilidade e masculinidade.

Apesar do esforço por parte de acadêmicos para estabelecer uma diferenciação mais precisa entre os termos que identificam essas identidades transgênero mencionadas, uma vez que a auto-identificação de cada pessoa que se coloca como travesti ou como mulher transgênero carrega motivações políticas, sociais e culturais a nível individual. Como as vivências, as auto-definições são múltiplas: há *cross-dressers* que se identificam como travestis; há mulheres transexuais que se consideram travestis e travestis que revelam que sempre se sentiram mulheres; há travestis que se definem como homossexuais; há travestis que afirmam não ser homens nem mulheres. Nesse sentido, a questão da transgeneridade e, principalmente, do que seria a identidade travesti, dialoga com os estudos *queer*, uma vez que a auto-identificação é colocada em relativo detrimento da assimilação. Ademais, as experiências trans revelam como aspectos naturalizados dos gêneros masculino e feminino são, na verdade, construções culturais.

Apenas recentemente a voz travesti parece ter ganhado força com o advento da internet e das redes sociais, permitindo que esse grupo gradativamente deixe sua invisibilidade e subalternidade persistente até mesmo dentro do movimento LGBTTT. Para a ativista Lohana Berkins (2006), travesti é uma identidade política, a qual vem sendo apropriada desde os anos 1990, quando essas pessoas começaram a alçar suas vozes e a se organizarem para promover uma ressignificação dessa palavra que ainda hoje é associada a estereótipos negativos. A construção da identidade travesti questiona os limites entre os gêneros e, ainda segundo Berkins

(2006), são pessoas que vivem circunstâncias diferentes daquelas experienciadas por mulheres transgênero. Porque seus corpos abjetos representam, por si só, uma confrontação com o senso comum e a heteronormatividade, a resposta à existência travesti é a de uma exclusão por meio de violências físicas e simbólicas.

3. Personagens literários, sujeitos reais

Na novela *O milagre*, de Roberto Freire, publicada em 1978, encontramos o estereótipo clássico da travesti, construído a partir da confusão recorrente entre sexualidade e identidade de gênero. No lugar de uma identidade travesti, na verdade, a personagem é retratada como um homossexual que tem, na travestilidade, uma prática voltada para o trabalho – na prostituição e no entretenimento. Diversos autores observam que muitas travestis não se identificam como mulheres (DENIZART, 1997; KULICK, 1998), contudo, sendo sua expressão social voltada para a feminilidade e elas mesmas tratando-se com pronomes femininos, essa seria uma questão de respeitabilidade. Não apenas o narrador refere-se à personagem no masculino, como também Joselin fala de si usando o gênero masculino. Dessa forma, opta-se neste artigo pelo uso dos pronomes masculinos neste caso em específico.

A história começa quando, chegando em sua casa após trabalhar por toda a noite, Joselin encontra uma carta da mãe. Pensando a respeito de seu conteúdo, retoma memórias de infância relacionadas ao preconceito que sofreu e sofre por parte da família, bem como à rejeição clara do pai, um homem rico e poderoso, agora prefeito de Ponte Alta.

Na escola, também era vítima de provocações: “Lembrou que na escola primária os meninos riam do seu nome, como riam também do seu jeito de ser” (FREIRE, 1978, p. 16). Aqui, a questão do nome revela uma ironia devido à sua ambiguidade. A junção dos nomes dos pais, José e Linda, resultou em um nome tão ambíguo quanto parecia ser sua identidade. O processo de exclusão social que se inicia no período escolar é sintomático de como o indivíduo que rompe com as regras de gênero será tratado cotidianamente. O ambiente escolar representaria um dos primeiros contatos da criança com uma sociedade mais ampla, para além do seu universo familiar, em que a não adequação à uniformidade pretendida é uma maneira negativa de se destacar – a diferença é vista como uma falha. Punições tanto institucionais como

na forma de provocações por parte de outros colegas obrigam a pessoa destoante do conjunto a se policiar para se adequar às normas.

Sendo assim, aqueles incapazes de se encaixar nos moldes pré-estabelecidos acabam por deixar a escola quando a violência simbólica – e, não raro, física – torna-se insuportável. A existência marginal da travesti, nesse sentido, começa a ser construída logo na infância. Lendo o que lhe havia escrito a mãe, a personagem responde mentalmente:

(...) se [sua mãe] conseguisse ser realmente uma mulher, um ser humano, não uma beata e conformada criatura sem sexo e sem sentimentos do mundo, então Joselin sentiria vontade de lhe contar o que haviam sido esses anos todos que viveu em São Paulo, depois daqueles dezoito de torturas e humilhações em Ponte Alta. Anos também de torturas e humilhações, somadas ainda à pobreza e à marginalidade. Porém, foram anos em que conheceu a esperança, o amor, o desespero e o ódio, a amizade e a solidão, os hospitais e as delegacias de polícia, a paz de espírito e a dependência dos tóxicos, o homem, a mulher, o homossexual, o travesti e o machista que existiam dentro dele (FREIRE, 1978, p. 18).

Os anos de sofrimento de Joselin foram também um período de autoconhecimento em que a personagem se viu capaz de abraçar suas múltiplas identidades, que se compõem durante o próprio processo de constituição da travesti. Aos olhos do cidadão comum, ela é vista como homem, homossexual, mulher-devir, tudo em um único corpo que é continuamente moldado. Enquanto a narrativa procura expor o preconceito e a discriminação sofridos por Joselin, descrito como um homossexual que se traveste, essa exposição é feita por meio de um discurso que reforça características negativas associadas à travesti. Movida por um desejo de vingança, a personagem retorna à cidade natal para que aconteça o milagre sugerido pela mãe em carta.

A travestilidade é tratada como uma fantasia, uma espécie de máscara à qual o indivíduo recorre por motivos diversos que envolvem a frustração e a autodepreciação. O milagre ao qual o título da história se refere acontece quando Joselin confronta o pai doente e, enquanto este parece ter um derrame e é incapaz de se mover, a personagem o traveste. O filho sai então de casa enquanto as pessoas da cidade chegam para testemunhar o referido milagre. A humilhação do pai é sua libertação.

Luís Antônio-Gabriela (2012), de Nelson Baskerville, contém elementos autobiográficos, referentes à vida do autor, justapostos à biografia da travesti Luís Antônio-Gabriela, irmã já falecida de Baskerville. A obra contém, além da narrativa a partir da memória do autor, transcrições de entrevistas com pessoas que conviveram com Luís Antônio-Gabriela

e cartas escritas pela própria travesti. Um narrador em terceira pessoa fala, inicialmente, de um menino, Bolinho – o apelido de Nelson Baskerville –, que se torna então o principal narrador em primeira pessoa do livro. A história de Bolinho e Tônio não são apresentadas linearmente e a relação do autor/narrador com a travestilidade é tão ambígua quanto sua relação com o/a irmão/irmã. Apesar de eventualmente reconhecer a identidade feminina do irmão/irmã, o narrador refere-se a Luís Antônio-Gabriela majoritariamente no masculino, como ao apresentar a peça sobre sua vida:

Luís Antônio era, para mim, aquele irmão, 8 anos mais velho, que sempre manteve na sombra. Só alguns poucos amigos sabiam da sua existência. Ele era o responsável por nos tornar famosos em toda a cidade de Santos. Para onde íamos, dedos nos eram apontados e nomes e rótulos nos eram dados (BASKERVILLE, 2012, p. 30).

Como é possível notar, a discriminação é um fator que atinge também à família da travesti, o que por vezes leva ao afastamento do indivíduo, como foi o caso de Gabriela, que saiu de casa aos 16 anos, obrigada, pelo pai, a morar com os avós. Depois, seu paradeiro se tornou errante. À época, ela ainda era conhecida como Bolota, e “fazia programas no cais do porto, nas rodovias. Ainda adolescente, foi preso algumas vezes. Bateram muito nele” (BASKERVILLE, 2012, p. 116). O irmão considera a mudança de Gabriela “um alívio. Já havia muitos conflitos naquela família e ele era um a mais” (2012, p. 108). De certa forma, o distanciamento do/da irmão/irmã fazia com que a família não precisasse lidar diretamente com sua condição, fonte de vergonha para todos.

Tanto em *O milagre* como em *Luís Antônio-Gabriela* é possível acompanhar como a rejeição do mercado de trabalho leva travestis quase que automaticamente à prostituição – quando muito, uma minoria consegue ser bem-sucedida na indústria do entretenimento, a exemplo da própria Gabriela, que se tornou uma estrela na noite de Bilbao, na Espanha; contudo, ainda assim recorrem ao mercado do sexo para complementar a renda.

Sobre as repressões que sofria por parte dos policiais, a irmã mais velha de Baskerville conta:

– Antigamente, as pessoas achavam que se corrigia a homossexualidade ou a transexualidade com surra! Era um defeito, era uma opinião ou alguma coisa assim, que tinha que ser mudado. Era sem-vergonhice. Então, Tônio apanhava muito, muito, muito, para ser corrigido. E isso foi só agravando o estado dele (2012, p. 116).

Juntamente à prostituição, travestis encontram a violência, seja por parte da sociedade que as rejeita, seja por parte dos policiais que as espancam e as tratam como homens, seja por parte de seus clientes, que as objetificam. A partir dessa vivência, podemos considerar a possibilidade de, por vezes, tornarem-se pessoas violentas em relação ao que experienciam, como estratégia de sobrevivência. O estereótipo da travesti criminosa encontra-se tão entranhado em nossa sociedade como o da travesti prostituta, sem que se leve em consideração, no entanto, que essas pessoas são, em grande parte, fruto do meio em que são obrigadas a viver. Marginalizadas, muitas sonham em sair do Brasil em busca de uma vida melhor, alimentando a ideia de que na Europa são mais desejadas e bem tratadas em função de uma crença na maior liberalidade sexual dos europeus.

A ideia de que homens prefiram quem apresente um aspecto mais feminino está atrelada à matriz heteronormativa que se baseia em uma lógica binária dos opostos masculino/feminino. Por essa lógica, o sujeito que exerce o “papel masculino” em uma relação irá se atrair por quem exerce, ou ao menos aparente exercer, para a sociedade, o “papel feminino”. Foi a incorporação de um estereótipo do garoto efeminado, ainda quando criança, que fez com que Luís Antônio-Gabriela apanhasse repetidamente do pai, que dizia que não queria “um pederasta” dentro de casa (BASKERVILLE, 2012, p. 37).

Tratar a condição transgênero como homossexualidade é relativamente comum no que concerne às travestis, uma vez que, apresentando trejeitos efeminados durante a infância, são tomadas como homossexuais. O desconhecimento a respeito da transgeneridade, que é, por si só, um conceito novo, também leva a confusões entre orientação do desejo sexual e expressão de gênero. Nessa linha de pensamento, a maioria das travestis acabam por se ver (ou ser consideradas) como homens que desejam outros homens e que, por isso, modificam e “aperfeiçoam” sua imagem para atrai-los (KULICK, 1998). Essa questão é abordada por Simone, personagem cujo relato aparece em *Luís Antônio-Gabriela*:

Como eu falo, não fui o primeiro e não vou ser o último. Hoje, como as coisas estão diferentes, em todas as famílias por aí já tem um *gay*. Ele já está na família. O homossexual já faz musculação, não precisa se afeminar pra conquistar bofe. Eles dão show mesmo, por isso tem a *drag queen*, o transformista... Ele pode ser um cara que nem você e, à noite, ser uma estrela da Broadway. Eu acredito que a travesti tá acabando. Se eu tivesse hoje 20 anos, talvez eu não quisesse ser travesti. Porque tem amigos *gays* meus que fazem academia. Naquela época, para um homem transar comigo, eu tinha que ter umas roupas de mulher (BASKERVILLE, 2012, p. 162-163).

A época à qual Simone se refere eram as décadas de 1960 e 1970, quando as travestis que se apresentavam em casas de *shows* também acabavam por recorrer à prostituição como forma de sustento. Em determinada parte de seu relato, Simone se refere a uma amiga como “travesti profissional” (*idem, ibid.*, p. 134), por ela ter se tornado uma artista que viajava apresentando suas dublagens – esse estilo de performance, hoje, é associado às *drag queens* ou transformistas. Simone menciona ainda a necessidade de ser “feminina” para conquistar os homens no passado, em oposição à situação que se configura a partir do fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, quando a homossexualidade começa a ganhar mais visibilidade e até mesmo alguma aceitação.

Entre as memórias de Baskerville, destaca-se a de como Bolinho foi abusado por Tônio quando aquele tinha apenas sete anos de idade. Para narrá-la, Bolinho assume uma personalidade diferente, a de um coelho, seu bicho de estimação. Essa mudança de personalidade e uma clara infantilização do discurso podem ser encaradas como uma estratégia de distanciamento do trauma, afirmando, então, que foi “amamentado por trás” (BASKERVILLE, 2012, p. 98). Com o estupro, a criança adquiriu o medo de se tornar também efeminada: “Eu achava que meu peito ia crescer como os seios das mulheres, porque eu tinha sido maculado. Eu achava que eu ia virar um travesti, porque eu tinha sido comido por um. Como uma espécie de condenação” (2012, p. 98). Os abusos são retomados ao fim da narrativa, também a partir de um sentimento ambíguo por parte de Baskerville. Enquanto a tristeza do/da irmão/irmã parecia momentaneamente ser tomada por prazer, Bolinho sentia dor e estranhamento:

Estava feliz, o Tônio. Não era muito comum. Tônio era triste. Mesmo quando ria. Triste. Olhos tristes. Tinha os olhos castanhos, que alguns falavam que eram verdes, e era um olhar de quem sempre tinha acabado de chorar ou que estava para chorar, e eu pensava que, pelo menos, eu o tinha deixado feliz (2012, p. 231).

Contudo, o evento que tanto marcou Bolinho aparentemente não fez parte da memória de Luís Antônio-Gabriela que, diante da pergunta da irmã, respondeu que não se lembrava “de nenhum Bolinho” (BASKERVILLE, 2012, p. 233). A negativa de Gabriela traz a sensação de uma história que não será fechada, apesar de Baskerville procurar enterrá-la com seu livro: “E isso depois de tudo. Depois de anos de mágoas e tentativas de perdão. Depois de anos maculado, com a marca dele dentro de mim. (...) A resposta fez vácuo em mim” (*op. cit.*, p. 233).

Considerações finais

Apesar dos esforços pela inclusão social de homossexuais e da busca, por parte de muitos, pelo entendimento de que não se trata de uma escolha, a transgeneridade permanece, por sua vez, sendo vista como uma espécie de doença ou transtorno. A necessidade de um indivíduo modificar seu corpo para que ele esteja de acordo com a percepção de si mantém-se incompreensível para muitos, principalmente quando se trata de uma pessoa que, além de não se adequar ao gênero que lhe foi designado no nascimento, também não se insere por completo no ideal de sua identidade de gênero – como é o caso da travesti e seu corpo que se encontra no “entre-lugar” (SANTIAGO, 2000) dos sexos. Ademais, o fato de suas identidades ainda se construírem majoritariamente nas ruas, em situações de marginalidade, faz com que a travesti seja associada à violência e à criminalidade, de forma a se manter a posição preconceituosa e a distância por parte da sociedade.

Em ambas as obras consideradas neste artigo é possível notar como essa indefinição, que faz com que travestis não se encaixem em nenhum dos opostos masculino e feminino, está presente na forma como os autores adotam rotulações cambiáveis, confundindo sexualidade e gênero. Mesmo que movimentos ativistas reforcem a necessidade de se respeitar a identidade feminina da travesti, a mídia tem um papel de difundir o tratamento adequado, o que não o faz, perpetuando, dessa forma, o preconceito em relação às múltiplas expressões da transgeneridade.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Paraphilic Disorders. In: *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - DSM-5*. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2013, 5th ed, p. 685-705.

BASKERVILLE, Nelson. *Luís Antônio-Gabriela*. São Paulo: nVersos, 2012.

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita – O corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo – Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BERKINS, Lohana. Travestis: una identidad política. In: *VIII Jornadas Nacionales de Historia de las Mujeres / III Congreso Iberoamericano de Estudios de Género Diferencia Desiguald.* Villa Giardino, Córdoba: outubro de 2006.

BERUTTI, Eliane B. *Gays, lésbicas, transgenders: O caminho do arco-íris na cultura norte-americana*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BUTLER, Judith. *Bodies that Matter – On the discursive limits of “sex”*. New York: Routledge, 1993.

----- . *Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DENIZART, Hugo. *Engenharia erótica – Travestis no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, 10ª edição.

FREIRE, Roberto. O milagre. In: *Travesti*. São Paulo: Edições Símbolo, 1978, p. 13-90.

KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror – An essay on abjection*. New York: Columbia University Press, 1982.

KULICK, Don. *Travesti: Sex, Gender and Culture among Brazilian Transgendered Prostitutes*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1998.

LEITE Jr., Jorge. *Nossos corpos também mudam* – A invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho* – Ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MALUF, Sônia Weidner. Corporalidade e desejo: *Tudo sobre minha mãe* e o gênero na margem. In: *Estudos Feministas*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1º semestre 2002. Ano 10, pp. 143-152. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11633>>. Acesso: 20 de setembro de 2015.

SANTIAGO, Silvano. *Uma Literatura nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2000, 2ª ed.

SANTOS, Rafael França Gonçalves dos. *As aparências enganam?* A arte do fazer-se travesti. Curitiba: Appris, 2015.